

# Presença de Peirce na literatura psicanalítica recente: em que direções?

*Peirce's presence in recent psychoanalytic literature: in what directions?*

**Paulo Duarte Guimarães Filho**

Psicanalista – membro da Sociedade  
Brasileira de Psicanálise de São Paulo – Brasil  
e-mail: pduartegf@uol.com.br

**Resumo:** Neste artigo é destacado um uso que está havendo de elementos da filosofia de Peirce na literatura psicanalítica. São examinados trabalhos de autores bastante reconhecidos nesta área, procurando contribuições de noções peircianas para o esclarecimento de questões psicanalíticas. O tema de um dos trabalhos é como os signos de Peirce poderiam auxiliar no preenchimento de uma lacuna conceitual existente na psicanálise, em relação a fenômenos que existem entre o que são chamadas de “equações simbólicas” (representações vividas como fatos, encontradas em psicóticos) e a simbolização propriamente dita, conforme é designada na psicanálise. Outro trabalho questiona a noção de Jacques Lacan de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, sugerindo que os signos de Peirce, particularmente os ícones e índices, seriam mais adequados para o pensamento sobre os fenômenos inconscientes do que os linguísticos usados por Lacan. Um terceiro trabalho dá um bom exemplo de como as noções filosóficas de Peirce podem trazer esclarecimentos na área clínica, pois elas são usadas para responder a críticas, a um tratamento de mães-bebês, de que as palavras não podem ser entendidas pelos bebês. O autor diz que ao falar não está somente usando signos simbólicos, mas também ícones e índices, por meio das expressões faciais, atitudes, tons de voz, etc., que são transmitidas para os bebês. O último dos trabalhos é mais complexo, na medida em que nele são atribuídas significações duvidosas a algumas concepções de Peirce, o que necessita ser alvo de discussão.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Filosofia de Peirce. Semiótica. Interdisciplinaridade.

**Abstract:** *This article highlights how elements of Peirce's philosophy have been used in recent psychoanalytic literature. Some papers from distinguished authors in this area are considered, showing how they try to have contributions from Peircean conceptions to clarify psychoanalytic matters. The subject of one of the papers is how Peirce's semiotics could help to fulfill a conceptual gap in psychoanalysis in relation to phenomena that occur between what are called “symbolic equations” (representations lived as facts, by psychotic patients) and symbolization (the term used in psychoanalysis) as proper representation. Another article questions Jacques Lacan conception that the unconscious is structured like a language,*

*suggesting that Peirce's signs, particularly the icons and indices, would be more appropriate to think about the unconscious phenomena than the linguistics ones used by Lacan. The third paper gives a good example of how Peirce's philosophic notions can be enlightening in the clinical area, as they are used to answer the criticism that the words could not be understood by a baby in a "mother-infant" treatment. The author says that when he speaks he is not only using symbolic signs, but also icons and indices, through facial expressions, attitude, tone of voice, etc., that can be transmitted to the babies. The last paper is more complex, as it attributes doubtful meanings to some of Peirce's conceptions that need to be discussed.*

**Keywords:** Psychoanalysis. Peirce's philosophy. Semiotics. Interdisciplinarity.

## Introdução

Num período relativamente recente, alguns trabalhos importantes na literatura psicanalítica estiveram voltados para o exame de relações e contribuições de elementos da filosofia de Peirce (1958) para a psicanálise, mostrando a relevância que esse tema está tendo. Veremos como ele foi abordado por quatro autores bastante reconhecidos nos meios analíticos: Steiner (1975, 2000, 2003, 2007) tem um histórico de escritos sobre a simbolização, particularmente de como ela se desenvolveu na corrente kleiniana e recorre a auxílios de Peirce, em capítulo com o título expressivo de *Does the Peirce's semiotic model based on icon, index and symbol have anything to do with psychoanalysis?* (STEINER, 2007), quando examina amplamente questões relativas à simbolização e suas relações com as “equações simbólicas”; Green (2004, 2011) estudou vários aspectos das relações da psicanálise com a linguagem e a simbolização, a partir daí usando noções de Peirce para questionamentos importantes à concepção de Lacan de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem; Salomonsson (2007a, 2007b) considera o uso de diversas noções semióticas no trabalho psicanalítico com mães-bebês e, mais especificamente, Salomonsson (2007a) tem trabalho em que descreve como os signos peircianos contribuem para a identificação e a abordagem de manifestações não verbais muito presentes nesse tipo de trabalho; Scarfone (2013) desenvolve um modelo amplo a respeito de modos como se dão as significações, incluindo os signos de Peirce nas suas ideias, mas sem fazer um exame das semelhanças e diferenças em relação ao pensamento do filósofo norte-americano, daí podendo servir como exemplo de questões que aparecem num trabalho interdisciplinar dessa natureza.

## 1 Algumas informações sobre concepções básicas de Peirce

Para facilitar o acompanhamento das questões tratadas pelos autores referidos acima, será conveniente lembrar alguns elementos da filosofia de Peirce (1958), especialmente de sua semiótica. Com esse propósito, também serão aproveitados dados presentes em vinhetas clínicas do trabalho de Steiner (2007) e que servem para ilustrar as muitas vezes difíceis e não familiares ideias do filósofo norte-americano.

Em primeiro lugar, deve ser levado em conta que o alvo mais fundamental de Peirce é como se dão as significações de nossas experiências. Uma das suas noções

centrais é a de que isto ocorre por meio de três modalidades ou categorias básicas de relação com os fenômenos, advindo daí os signos que dão expressão ao que surge nessas modalidades de contato. São distinguidas três dessas modalidades básicas. A primeira delas diz respeito ao contato com as qualidades sensíveis dos fenômenos, apreendidas de um modo imediato, no que tem sido referido por alguns autores (IBRI, 2015) de sua “presentidade” e a esta modalidade Peirce (1958) chamou de “primeiridade”. Essas experiências de primeiridade podem ser expressas por signos, os ícones, caracterizados pela semelhança com os fenômenos a que eles se referem. Um exemplo simples de um ícone é o da imagem de um objeto, por exemplo, numa foto ou numa pintura, havendo aí a representação pela semelhança. A segunda modalidade de contato com os fenômenos decorre do fato deles serem outros, distintos do observador, e, portanto, se dá com a alteridade dos mesmos, o que Peirce chamou de “segundidade”. Os signos correspondentes a essa modalidade são os índices, exatamente por terem uma ligação direta com os objetos, através de uma contiguidade com os mesmos, como ocorre no exemplo da fumaça como um índice do fogo, ou num rastro, como sinal de um animal. A permanência e continuidade dos fenômenos de primeiridade e segundidade, evidenciando sequências no tempo, vão permitir a verificação de generalidades dos fenômenos, não havendo mais apenas um primeiro e um segundo, mas essa reunião que vai constituir o que Peirce chamou de “terceiridade”. O signo correspondente a ela, não está mais ligado diretamente ao objeto, como no caso da semelhança no ícone, ou da contiguidade no índice, tendo sido designado de símbolo por Peirce; temos um exemplo importante nas palavras, na medida em que realizam uma reunião de características dos fenômenos, levando aos conceitos dos mesmos.

Até agora houve referência a dois dos elementos básicos que Peirce considera como participando dos processos de criação das significações, o objeto e o signo, mas há também o outro componente desses processos triádicos, o interpretante. Essa noção é muito relevante em relação aos fenômenos psicológicos e completa o que Peirce chamou de semiose, o processo de criação das significações. No momento é necessário dizer que o interpretante tem a função de interpretar o signo, não correspondendo, no entanto, à noção usual de interpretação, pois o interpretante é também um signo, podendo não ser um fenômeno mental. Um exemplo, do próprio Peirce, é o do termômetro que mede as condições ambientais de temperatura, mas não são elas que estão diretamente presentes no termômetro, mas sim uma manifestação das mesmas, no caso mais usual a movimentação de uma coluna de mercúrio. Não é simples apreender mais amplamente o papel do interpretante na semiose de Peirce, mas ele tem uma importância especial em relação ao significado das experiências emocionais, como poderá ser visto e exemplificado nas vinhetas clínicas do artigo de Steiner (2007) que passará a ser examinado.

## **2 Steiner–Peirce: psicanálise e a abertura de um campo amplo de investigação**

O capítulo escrito por Steiner (2007) é bastante informativo, especialmente pelo histórico e reflexão crítica que desenvolve em relação às concepções sobre a simbolização, predominantemente por autores da corrente kleiniana, mas com pontes para outras contribuições. Tendo essa base, ela facilita o entendimento dos pontos em relação aos quais Steiner considera que noções da semiótica de Peirce

(1958) poderiam contribuir e tem também o mérito de apresentar várias vinhetas clínicas que favorecem o entendimento do uso que faz de concepções daquele filósofo. Além disso, esses exemplos clínicos servirão também para a consideração de outras facetas importantes de contribuições de Peirce para a psicanálise e não tratadas diretamente por Steiner, conforme será visto adiante.

De fato, o foco principal de Steiner neste trabalho está voltado para o sentido na psicanálise da noção de “equações simbólicas”, isto é, manifestações em que não há uma diferenciação entre a simbolização e a realidade, sendo um exemplo clássico, referido por Steiner, o de um paciente de Hanna Segal, que respondeu a ela que não poderia tocar violino em público porque isso seria se masturbar naquela situação. Quanto às equações simbólicas, uma das críticas de Steiner é a de que haveria um uso desse conceito com uma amplitude excessiva, indo desde manifestações no desenvolvimento normal da criança até sintomas francamente psicóticos, como o do exemplo que acabou de ser referido. Ao lado disso, ele também considera que era feita uma separação muito estrita entre a “equação simbólica” e a simbolização, não sendo devidamente distinguidos “estados intermediários” entre as duas. Esse é um ponto bem relevante, pois é exatamente quanto a esses “estados intermediários” que Steiner sugere como o uso de signos de Peirce poderia auxiliar nessa diferenciação, conforme são dados exemplos nas vinhetas clínicas.

Steiner (2007) apresenta oito dessas vinhetas, quatro delas com exemplos dos já referidos “estados intermediários”. Devido aos limites de espaço, somente uma delas será examinada. Trata-se de um paciente que foi deixado pela companhia e vivia um momento de grande ansiedade na análise, voltando constantemente para um local em que anteriormente se encontrava e andava junto com a parceira. Mais adiante na análise, nos fins de semana o paciente andava compulsivamente para cima e para baixo na rua do consultório do analista. Através dessas andanças compulsivas ele se tranquilizava por meio desses lugares que o lembravam do que tinha perdido, embora também reconhecesse o caráter ilusório do que procurava recriar. O comentário de Steiner sobre essas manifestações é o de que o paciente tinha consciência do caráter “como se” do que fazia, mas que, nos termos de Peirce, os elementos icônicos das situações emocionais que vivia, tinham também uma forte intensidade indicial, de modo que era difícil uma simbolização propriamente, isto é, pensar e não agir, devido a forte presença icônico-indicial do que ele procurava, mas que não podia ser chamada de um delírio.

Quanto a esse comentário de Steiner, ele está de acordo com seu propósito de mostrar como as noções da semiótica de Peirce poderiam contribuir para identificar funcionamentos não restritos à alternativa “equação simbólica” e simbolização. Ao mesmo tempo, já foi referido como aquele autor dá indicações a respeito de possibilidades do uso de noções de Peirce, como neste exemplo, mas sem se voltar para uma exploração mais ampla de outras implicações que poderiam estar presentes. Isso pode ser feito no caso que está sendo visto, pois ao assinalar a contribuição de signos de Peirce na situação, Steiner faz um apontamento limitado, a respeito de um dado muito importante, ou seja, de como, nos termos peircianos, a intensidade obtida pelos signos icônicos e indiciais é de tal natureza que eles se sobrepõem a um uso dos signos simbólicos, levando ao agir, em lugar do pensar.

De fato, para um entendimento mais discriminado do que está em questão aqui, seria necessário lembrar que de acordo com Peirce os signos operam para

criar as significações por meio de um processo chamado de semiose. Já foi considerado como faz parte da semiose o contato com as qualidades sensíveis (primeiridade), de alteridade dos fenômenos (segundidade) e da reunião que vai se dando do conjunto desses elementos (terceiridade). No caso clínico que está sendo visto, faria parte da criação da significação dessas experiências o registro da qualidade afetiva do local onde se dava o encontro do paciente com a parceira perdida, e sua natureza de ícone-índice ligado a ela; se esses elementos pudessem ser reunidos e expressos nos signos simbólicos, isto permitiria um uso das palavras para representar todos esses aspectos e a criação de uma significação plena desta experiência, completando um processo semiótico, conforme foi pensado por Peirce. No caso, no entanto, não foi isso que se deu, pois apesar de serem usadas palavras/símbolos para dar nome a aspectos dessas experiências, o que predominava era um modo de significação correspondente ao que foi chamado por Steiner de “estado intermediário”, em que a intensidade emocional dos signos icônicos e indiciais levava a que em determinados momentos eles fossem confundidos com a realidade, sem que a semiose se completasse com uma simbolização adequada. Conforme foi usado por Steiner, esses elementos da semiótica peirciana foram capazes de auxiliar no reconhecimento do que ele chamou de “estados intermediários” entre a simbolização e as equações simbólicas.

No entanto, continuando na situação que está sendo vista, deve ser considerado que nela só foram referidos dois dos componentes da semiose de Peirce: o objeto (a parceira perdida e o local de encontro com ela) e o signo (este local de encontro como ícone e índice muito diretamente representativos da parceira), tendo faltado a referência ao interpretante. Nas situações concretas nem sempre é possível separar esses componentes de um processo semiótico, mas não é difícil considerar como a noção de interpretante é valiosa em relação a fenômenos emocionais como temos na psicanálise. Isso é mostrado na situação clínica que está sendo seguida, pois nela pode ser distinguido que os locais para onde o paciente precisava ir e ficar andando compulsivamente, associados à companheira perdida e ao analista ausente, correspondiam bem às noções de interpretantes emocionais e energéticos, representantes do significado que essas experiências estavam tendo para o paciente; também são elementos que permitem, de um modo singular, distinguir como a intensidade desses interpretantes bloqueou o funcionamento dos interpretantes lógicos, isto é, em muitos momentos não permitindo que fossem usados devidamente signos simbólicos, nos termos de Peirce, palavras e ideias, que seriam capazes de se referir a elementos mais amplos existentes naquela situação e articulá-los, assim representando de um modo mais verdadeiro o que estava acontecendo.

### **3 Green: o inconsciente, a linguagem, Lacan e o auxílio de Peirce**

Para um melhor acompanhamento do que vai ser visto sobre Green (2004, 2011), será necessário levar em conta o trabalho crítico que ele desenvolveu em relação a Lacan. Uma de suas discordâncias básicas foi com a noção de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, pois embora Green reconheça que os fenômenos inconscientes têm relações e influências sobre a linguagem, destaca bem como os dois são processos de naturezas diferentes. Chama atenção, particularmente, para o papel atribuído às pulsões por Freud e para a diferença que ele fez entre as representações

de coisas no plano inconsciente com as de palavras, portanto, da linguagem, no nível consciente. É sobre esse ponto crítico em relação a Lacan que Green recorre a noções desenvolvidas por Peirce, mencionando como na semiótica desenvolvida por ele são concebidos signos diferentes dos linguísticos e que teriam mais a ver com os fenômenos inconscientes do que os linguísticos referidos por Lacan.

De fato, a consideração desses elementos por parte de Green é feita de um modo consistente, mas há aspectos bastante discutíveis a respeito do modo como o autor francês apreende algumas noções peircianas. Isto aparece, por exemplo, no realce que ele dá à noção de “terceiridade”, título de um dos seus trabalhos (GREEN, 2004), mas que é associada com a linguagem, na semiótica peirciana; de fato, Green usa a noção de terceiraidade com certas diferenças em relação a Peirce. Em contrapartida, embora num dos seus escritos (GREEN, 2011) ele chegue a apontar ligações da “primeiridade” e “segundidade” com os processos inconscientes, não houve uma maior exploração dessa importante questão. Apesar dessa falta, ela não invalida os questionamentos levantados por Green em relação a Lacan, nem as indicações que ele dá de como os signos de Peirce poderiam trazer esclarecimentos sobre os pontos discutidos.

A seguir vamos utilizar uma situação clínica para procurar facilitar o entendimento de como os signos icônicos e indiciais de Peirce estão na base da crítica de Green a Lacan, na medida em que seriam mais adequados para fazer referência aos processos de natureza inconsciente do que o significante de Lacan. Vários exemplos clínicos poderiam ser usados com essa finalidade, mas seguindo no aproveitamento das vinhetas clínicas do capítulo de Steiner (2007), vamos considerar a última delas, mais especificamente o sonho ali relatado e que é referido por Steiner como podendo ser chamado de um sonho simbólico “clássico” (simbólico no sentido freudiano e não peirciano). A escolha desse sonho também se deve ao fato de que a natureza dos fenômenos inconscientes presentes nele, embora não estivesse no foco da atenção de Steiner, é bem apropriada para pensar na discussão de Green (2004, 2011) com Lacan, conforme será visto adiante.

A situação clínica é a de uma paciente com problemas no relacionamento e há muito tempo afastada do pai, melhorando durante a análise e se reaproximando dele. Numa sexta-feira que antecedeu ao encontro com o pai ela estava agitada, falando alto e com outras manifestações, mas o que vai ser alvo de nossa atenção foi que no retorno ela referiu como se sentiu preenchida pelo encontro com o pai. Contou também um sonho em que estava comendo um grande pernil de cordeiro. Steiner (2007) diz que o sonho falava por si mesmo, acrescentando que o nome do pai tinha uma sílaba da palavra “lamb” (cordeiro) e comenta que podia ser chamado de um sonho simbólico “clássico”, em que a paciente incorporava o pai ou seu pênis. Se seguirmos a linha de interpretação de Steiner, de que o sonho da paciente comendo um grande pernil de cordeiro exprimia a incorporação do pai, ou do seu pênis, existe aí a ideia de que há uma intensa mobilização de sentimentos e desejos, mas que compreensivelmente devido ao conflito e repressão não são expressos como tais. Os processos do que foi expresso no sonho parecem corresponder às noções de condensação e deslocamento de Freud (1900), sobre as quais têm sido assinaladas as correspondências com os ícones e índices de Peirce (1958). A ingestão do pernil pode ser vista como forma icônica (semelhança-condensação) de exprimir desejo de posse-incorporação do pai, ao mesmo tempo tendo o pernil características fálicas para os quais são deslocados os desejos referentes ao pai.

Mesmo sendo elementos clínicos relativamente simples, eles podem servir para pensar em interessantes questões envolvendo a área da polêmica de Green com Lacan. Um primeiro ponto é o de que não há dificuldade em reconhecer a proximidade entre as noções de condensação e deslocamento de Freud (1900) com as de signos icônicos e indiciais de Peirce. Daí poderia ser indagado se os instrumentos conceituais existentes na psicanálise já não seriam suficientes e mais apropriados para lidar conceitual e clinicamente com o que se passa na área psicanalítica, sendo dispensável, como fez Green, o recurso a Peirce. Certamente essa não é uma indagação para a qual haja uma resposta simples, e sim algo bem amplo a ser explorado, o que só será feito de modo limitado neste momento.

O que está sendo considerado da polêmica de Green com Lacan é um bom exemplo do sentido que pode ter uma exploração dessa natureza. Indo nessa direção, vale a pena dar destaque a um dos aspectos mais fundamentais em que acreditamos que a semiótica de Peirce pode contribuir para a psicanálise. Além das proximidades existentes entre a condensação e o ícone, ou o deslocamento e o índice, há também a diferença de que esses signos peircianos são concebidos como fazendo parte de processos universais de criação das significações, a semiose. Especialmente nos ícones e índices, uma das características básicas dos mesmos é a de serem signos que têm uma ligação direta com seus objetos, através da semelhança, no caso dos ícones, e da contiguidade com o objeto, no caso dos índices. Aí deve ser feita a complementação de que essas características têm a ver com o outro componente da semiose pensada por Peirce, isto é, o interpretante, que no caso dos signos icônicos será emocional e no dos indiciais, energético.

Levando em conta o que acabou de ser destacado, o sonho da paciente de Steiner (2007) serve bem para mostrar como a semiótica é apropriada para identificar e nomear os modos de expressão da significação de mobilizações emocionais, especialmente daquelas que operam num nível inconsciente. No sonho foi visto que isto se deu através de signos icônicos e indiciais, correspondendo ao comer o pernil do cordeiro, como formas de exprimir sentimentos e desejos em relação ao pai. Nesse sentido, isto está de acordo com a sugestão de Green de que os signos de Peirce seriam mais apropriados para a definição da natureza da expressão dos processos inconscientes do que os significantes de Lacan, embora já tenha sido referido que Green (2004, 2011) não explicitou mais amplamente o que acabou de ser visto.

Sendo feita essa explicitação, isso ajuda a distinguir que a lógica da expressão das mobilizações inconscientes por meio dos ícones e índices é diferente dos processos operantes nos significantes linguísticos, usados por Lacan, e é em função disso que Green se opõe à noção de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, de acordo com uma lógica própria à cadeia dos significantes. De fato, a semiótica de Peirce pode contribuir ainda mais para pensar no que está sendo visto, desde que a linguagem também faz parte da mesma, correspondendo aos signos simbólicos que reúnem as regularidades, ou o que Peirce chama de hábitos ou leis dos fenômenos e que, especialmente por meio das palavras, formulam em conceitos os aspectos mais gerais dos mesmos; tudo isso fazendo parte dos interpretantes lógicos, na terminologia peirciana.

Esse último ponto contribui também para o esclarecimento de outro aspecto importante levantado por Green (2004, 2011), de que os afetos ficariam fora do sistema

de Lacan, na medida em que seria uma lógica própria da cadeia dos significantes que prevaleceria na criação das significações dos processos inconscientes. Embora Green não explicitasse esses elementos dessa maneira, usando a semiótica de Peirce do modo como estamos fazendo, isso conduz ao reconhecimento de como são as mobilizações emocionais os fatores subjacentes, de acordo com uma espécie de lógica da expressão das significações inconscientes. Tal lógica é capaz de identificar como são os fatores emocionais, especialmente aqueles não aceitos no plano consciente, que vão estimular, não os interpretantes lógicos simbólicos relacionados com a linguagem, mas sim os emocionais icônicos e os interpretantes energéticos indiciais para a expressão das significações de processos inconscientes.

Diante do que acabou de ser visto, deve ser esclarecido que neste momento o propósito está sendo o de examinar a consistência da sugestão de Green (2004, 2011) de que elementos da semiótica de Peirce seriam especialmente apropriados para o entendimento da expressão de processos inconscientes. É bastante significativo o fato de que Green tenha usado as ferramentas peircianas para sua avaliação crítica de ideias de Lacan, mas não é propriamente o exame dessa discussão o alvo de atenção neste trabalho, mas sim a consideração de diferentes trabalhos na literatura psicanalítica voltados para o uso da semiótica de Peirce em nossa área.

#### **4 Salomonsson: o auxílio de Peirce no trabalho com mães-bebês e para repensar algumas noções de Bion**

Há dois artigos de Salomonsson (2007a, 2007b) em que ele examina o papel que a semiótica pode ter no trabalho de orientação psicanalítica com mães-bebês, nesse sentido sendo referidas contribuições de vários autores, incluindo as de Peirce. Um dos usos que Salomonsson (2007 a, b) faz da semiótica deste autor é bastante significativo, na medida em que é mostrado, em diversos momentos clínicos, como as manifestações dos bebês, como seus grunhidos, mímicas, sacudidas, etc., e também as expressões das mães e do analista podem ser reconhecidas e identificadas de um modo mais claro por meio do uso das noções de ícones e índices. A existência desses instrumentos conceituais tem um valor especial para formulações sobre manifestações que tendem a ser obscuras e difíceis de apreender; ao lado disso, esses signos, juntamente com o outro componente da tríade que são os símbolos, permitem dar uma fundamentação para um aspecto da técnica usada por Salomonsson, consistindo em falar para o bebê sobre situações emocionais que vão sendo observadas. Sobre esse ponto ele menciona como tinham sido levantados questionamentos. Essa comunicação com palavras, portanto usando símbolos em termos de Peirce, naturalmente levanta a objeção de que os bebês não são capazes de entender o sentido das palavras, ao que a resposta de Salomonsson (2007 a, b) é de que nessas situações, na comunicação verbal, não estão sendo transmitidos apenas símbolos, mas igualmente ícones e índices, por meio do tom de voz, expressão facial e outras atitudes do analista, constituindo signos que podem ser apreendidos e ter efeitos sobre os bebês.

O outro artigo de Salomonsson (2007b) leva em conta dados do seu trabalho com mães e bebês para fazer sugestões a respeito da natureza do que ele chama de “transformações semióticas” e que não corresponde propriamente à semiose de Peirce. O que é possível perceber é que o ponto de referência das transformações

semióticas de Salomonsson (2007b) são noções elaboradas a partir de apreciações críticas sobre as concepções das transformações de Bion. Nesse sentido, a referência mais direta e importante feita a Peirce diz respeito a como Salomonsson (2007b) menciona que colocaria os elementos beta de Bion: “[...] no sistema inferior de signos de ícones e índices”. Logo a seguir, ele acrescenta: “Bion diz que os elementos  $\beta$  ‘cobrem fenômenos que não podem de modo algum ser razoavelmente considerados como pensamentos’ (1997, p. 11), e que são usados para o pensamento ‘que depende de manipulação’” (1962b, p. 6) e de evacuação.

No meu entender, elementos  $\beta$  são signos mentais primitivos e, assim, são pensamentos, mesmo que catastróficos e fragmentados. Como “só pensamos por meio de signos” (EP 2:10), por mais primitivos que esses signos possam ser, e por mais que o indivíduo os sinta como coisas ameaçadoras, ele os processa mentalmente. Por que não chamar esses signos mentais primitivos de pensamento? Se a noção de elementos  $\beta$  como “expressões sensoriais das quais o paciente tem consciência” e emoções que ele vivencia como imutáveis (BION, 1962, p. 6) nos leva a supor que a mente não as significou, não podemos dizer nada a respeito delas. Como psicanalistas, investigamos fenômenos mentais que são desconhecidos, não que são incognoscíveis ou não significáveis. Logo que concretizamos um evento mental como verdade absoluta ou impressão sensorial, nós o colocamos fora da investigação psicanalítica.

Novamente aparece aí, numa área de enorme relevância na psicanálise, referente à função alfa e elementos beta, de Bion (1962, 1997), um questionamento levantado por Salomonsson, em que este autor sugere como a explicitação contida na filosofia de Peirce, a respeito dos signos e dos processos de criação das significações, poderia levar a esclarecimentos e formulações mais apropriadas na área psicanalítica. Esta colocação de Salomonsson parece pertinente, mas, ao mesmo tempo, nos seus trabalhos não há um exame mais amplo e direto das possibilidades de inter-relações entre Peirce e Bion, o que certamente requereria um trabalho específico nessa direção.

## **5 Scarfone: a proposta de um modelo com paralelos com o de Peirce e a necessidade de sua discussão**

Nos trabalhos anteriores houve o exame de como noções de Peirce (1958) contribuíam para aspectos controversos ou obscuros de alguns temas específicos discutidos na psicanálise. Nesse sentido, há uma diferença grande quanto ao escrito por Scarfone, pois ele propõe um modelo voltado para questões muito mais amplas do que as dos trabalhos anteriores. O modelo proposto por Scarfone (2013) tem paralelos e também diferenças em relação ao de Peirce, e ele inclui os signos peircianos em sua proposta, mas sem um exame mais discriminado do papel atribuído a esses signos no novo modelo. Deve ser esclarecido que esse ponto é destacado devido ao fato de que o foco do presente trabalho é a presença de Peirce na literatura psicanalítica recente, não havendo o propósito de um exame mais sistemático da proposta de Scarfone. Para facilitar o acompanhamento de como se dá o uso dos signos de Peirce por este autor, deve ser dito que eles fazem parte da sua sugestão mais global a respeito do que é chamado por Scarfone de aspectos “não representacionais” e “representacionais”

dos fenômenos mentais. Propõe, então, que os “não representacionais” se dariam numa “mente primordial”, por meio de “traços”, “apresentações” (*presentations*) e não representações, enquanto os “representacionais” ocorreriam no que é chamado de “campo psíquico” do qual fariam parte “signos”, como os de Peirce.

Para prosseguir pensando no papel dos signos peircianos no modelo de Scarfone, é necessário esclarecer que ele tem diferenças básicas quanto às noções de Peirce. Essas diferenças precisam ser identificadas e avaliadas, não no sentido de estabelecer algum tipo de escolha preliminar das ideias de Peirce, mas sim, no caso dos aspectos alternativos de Scarfone (2013), de haver uma avaliação das mudanças propostas, de suas bases e implicações. Aqui deve ser aberto um parêntese para dizer que além do interesse em esclarecer essa questão específica, ela também serve para dar um exemplo do tipo de cuidado requerido para as correlações interdisciplinares que estão sendo consideradas. Continuando na verificação do que já foi apontado como diferenças básicas com Peirce, elas se mostram especialmente nas noções de Scarfone de uma “mente primordial”, onde existiriam “traços” e “apresentações” e não “representações”. Essas são noções com distinções importantes em relação com as de Peirce, de acordo com as quais, e como já foi referido ao serem dadas informações sobre suas ideias, nosso conhecimento dos fenômenos sempre ocorreria por meio de signos, cujas características dependem do que é uma das grandes contribuições da filosofia de Peirce, isto é, das três modalidades básicas de relação com os fenômenos. Essas modalidades foram caracterizadas como as de primeiridade, segundidade e terceiridade. Todos esses são elementos, assim como as articulações entre eles, essenciais como base conceitual dos processos semióticos, reconhecendo uma das principais riquezas da filosofia de Peirce.

Quando Scarfone (2013) não distingue de forma clara essas diferenças e inclui os signos peircianos em seu modelo, como se o dele e o de Peirce fossem os mesmos, algo de fundamental que aí pode ser perdido é o uso preciso dos elementos da filosofia de Peirce (1958) e, assim, não haveria o devido reconhecimento de que tipos de auxílio tais elementos poderiam efetivamente fornecer ao pensamento psicanalítico. Evidentemente, essa é uma questão ampla, mas somente alguns dos seus aspectos vão ser considerados no momento, através dos exemplos de questões tratadas nos trabalhos já comentados de Green (2004, 2011) e Salomonsson (2007 a, b). Neles são dadas sugestões acerca de contribuições de concepções peircianas para problemas conceituais existentes na psicanálise, enquanto será visto que o mesmo não ocorreria nos termos colocados por Scarfone. Em Green (2004, 2011), já foi examinado como na divergência com Lacan, de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, ele aponta que segundo Freud no inconsciente há representações de coisa e sugere que tal noção teria mais a ver com os signos icônicos e indiciais de Peirce do que com os da linguagem referidos por Lacan. Sobre esses mesmos elementos, Scarfone (2013) situa as representações de coisa de Freud como exemplos do que se dá na “mente primordial”, onde há “traços” e não signos como os de Peirce, os quais estariam na outra esfera do seu modelo, o “campo psíquico”. Aparece aí, claramente, como o uso que Green faz dos elementos peircianos para sua crítica conceitual a Lacan não poderia se dar da mesma forma com o modelo de Scarfone.

Passando a Salomonsson (2007 a, b), há também o já referido questionamento que ele levanta quanto aos elementos beta de Bion (1962) e, com o auxílio das noções de Peirce, ele, diferentemente de Bion, coloca os elementos beta também como

signos, na categoria dos ícones e índices. Novamente aqui aparece a diferença, pois no modelo de Scarfone (2013) os elementos beta estão na “mente primordial”, sendo traços e não signos, perdendo-se a oportunidade do que é feito por Salomonsson, com auxílios de Peirce, no sentido da procura de uma maior precisão sobre a natureza dos elementos beta. Serão considerados apenas esses dois exemplos, desde que não há o propósito de um exame sistemático dos trabalhos vistos antes, mas sim o de destacar pontos mais significativos que aparecem nos mesmos, na área das articulações de Peirce com a psicanálise.

## 6 Algumas indicações dadas por esse conjunto de trabalhos

Depois de ter reunido e examinado esses quatro trabalhos relativamente recentes de reconhecidos autores psicanalíticos voltados de diferentes modos para articulações da psicanálise com a filosofia de Peirce, o olhar para esse conjunto ajuda a perceber algumas questões bem relevantes. Uma delas é que algo de comum pode ser encontrado nos primeiros três escritos, de Steiner (2007), Green (2004, 2011) e Salomonsson (2007 a, b). Isso ocorre ao procurarem na semiótica de Peirce (1958) auxílios em relação a pontos discutidos com obscuridades e lacunas na psicanálise, dando indicações de contribuições quanto a essas questões.

Outro aspecto bem interessante presente nos trabalhos é o de que, apesar da reconhecida competência e informação desses autores, eles deixam claro que percebem o sentido e o valor das noções que usam de Peirce, mas igualmente dos limites dos seus conhecimentos acerca daquele autor. Esse dado é bastante revelador, na medida em que temos nele uma indicação de como nos meios psicanalíticos vem havendo o reconhecimento da importância das ferramentas peircianas para a psicanálise, ao mesmo tempo nele se evidenciando as dificuldades no estudo de Peirce. Assim, fica claro como é preciso uma maior atenção para a aquisição de informação sobre Peirce nos meios psicanalíticos e, ao mesmo tempo, a necessidade do desenvolvimento da investigação das articulações que poderão ser realizadas com a psicanálise. De certo modo, essa questão aparece com clareza no capítulo escrito por Scarfone (2013), onde foi visto como ele propõe um modelo amplo no qual inclui e faz uso dos signos de Peirce, mas sem que tenha havido o devido exame de diferenças importantes entre o seu modelo e o de Peirce, bem como das implicações dessas diferenças quanto ao efetivo papel dos signos em cada um deles. Assim, esse conjunto de trabalhos dá indicações de um campo com riquezas importantes a serem exploradas e, ao mesmo tempo, da necessidade de uma preparação trabalhosa para a realização dessas explorações.

## Bibliografia

BION, W. *Learning from experience*. London: Karnac, 1962.

\_\_\_\_\_. *Taming wild thoughts*. London: Karnac, 1997.

FREUD, S. *The Interpretation of dreams*. S. E. IV, V, 1900.

GREEN, A. Thirdness and Psychoanalytic concepts. *The Psychoanalytic Quarterly*. v.73, p. 99-135, 2004.

\_\_\_\_\_. *Du signe au discours: Psychanalyse et Théories du Langage*. Ithaque: Paris, 2011.

IBRI, Ivo A. *Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*, Paulus: São Paulo, 2015.

PEIRCE, C. S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*, vols. I-VIII. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul and BURKS, Arthur (Eds.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1958.

SALOMONSSON, B. Talk to me baby, tell me what's the matter now: Semiotic and developmental perspectives on communication in psychoanalytic infant treatment. *International Journal of Psychoanalysis*, v.88, p. 127-46, 2007a.

\_\_\_\_\_. Semiotic transformations in psychoanalysis with infants and adults. *International Journal of Psychoanalysis*, v.88, p. 1201-21, 2007b.

SCARFONE, D. From traces to signs: presenting and representing. In: LEVINE, Howard B.; REED, Gail S. and SCARFONE, Dominique (Eds.). *Unrepresented states and the construction of meaning*. Karnac: London, 2013.

STEINER, R. *Il processo di simbolizzazione nell'opera di Melanie Klein*. Torino: Boringhieri, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tradition, change and creativity in psychoanalysis*. London: Karnac, 2000.

\_\_\_\_\_. *Unconscious Phantasy*. London: Karnac, 2003.

\_\_\_\_\_. Does the Peirce's semiotic model based on index, icon, symbol have anything to do with psychoanalysis? In: AMBROSIO, Giovanna; ARGENTIERI, Simona and CANESTRI, Jorge (Ed.). *Language, symbolization and psychosis*. London: Karnac, 2007.

## **Endereço/ Address**

Paulo Duarte Guimarães Filho  
Rua João do Rio, 45  
CEP: 05417-090 – Vila Madalena  
São Paulo, SP – Brasil

Data de envio: 25-10-16

Data de aprovação: 15-11-16